

...tinha como tarefa vigiar a costa africana e capturar os navios negreiros. Vinte anos mais tarde, seguindo este exemplo, a França fez aparecer o primeiro cruzeiro antiescravagista. Nessas condições, a prática do tráfico negreiro tornou-se extremamente difícil. Entretanto, a maior parte dos afro-brasileiros, ou pelo menos alguns deles, tomaram parte dela, ao mesmo passo que praticavam o comércio de óleo de palma. Não podemos quantificar o número de escravos vendidos por esses afro-brasileiros no período estudado. O estado atual de nossos conhecimentos não nos permite apontar todos os envolvidos, nada podemos além de nos contentar e de ver alguns fatos.

O caso típico do Reino de Porto Novo era o de Domingo José Martines, um afro-brasileiro da primeira geração graduada. Ele servia de traço de união entre o tempo do grande comércio de escravos e o fim do tráfico negreiro, por volta de 1860 e 1870. No Golfo do Benin - vindo do Golfo do Benin pela primeira vez por volta de 1830 - ele viveu durante certo tempo em Uidá, junto com o famoso Francisco Chachá de Souza, antes de partir para Lagos, onde tinha relações comerciais com o traficante de escravos nomeado Domingos. Este último morreu dezesseis meses depois, ele toma posse de seus negócios e fica muito rico num espaço de seis anos. Em retiro para o Brasil, para desfrutar de sua fortuna, Martins frustrou-se em suas ambições sociais, não recebeu a atenção desejada e foi considerado um grande arrivista. Além disso, sentia-se obrigado a voltar ao Golfo do Benin em 1846 e a crise de sucessão no trono que prevalecia em Lagos não lhe permitiu o retorno. Ele se apresentou no Reino de Porto Novo, onde instalou sua fábrica principal, em Senvè, ou seja, a algumas milhas da capital, onde estamos. David Duros afirma que esta praia era um território do Reino de D'Abomé. Mas isso parece bem errôneo, levando em consideração os limites do reino que nós tínhamos precedentemente definido. Somente a banda costeira, indo de Cotonou à Badagry, constituía uma zona de incursão dos soberanos fons, que aí exerciam sua autoridade de forma mais efetiva do que seu primo de Porto Novo. Domingo Martins obtém então do Daomé o direito de monopolizar o comércio que chegava de Porto Novo pela lagoa. Isso não agradava os soberanos fons que, apesar disso, deviam se submeter a essa situação por medo de ofender o rei d'Abomé. Somente com a supressão do tráfico negreiro novas condições foram criadas na parte oeste de Lagos, pela entrada em cena de numerosos comerciantes europeus de óleo de palma, tais como Thomas Newton, em 1878, e Regis de Marseille, em 1841, em Uidá. Em geral, os africanos acolheram bem essa atividade comercial e a lagoa costeira de Ghava à Badagry foi aberta ao comércio de óleo de palma, em 1946. Num primeiro tempo os africanos se recusaram a se dedicar ao comércio desse produto. Mas logo perceberam que deviam fazer como os europeus, sobretudo porque o comércio de escravos de Uidá tinha declinado. Assim, cabe analisar o comportamento dos afro-brasileiros e o comportamento dos Saro – eram escravos que os negreiros do contrabando tinham recolhido na costa e levado a Serra Leoa. Habitados a outro tipo de vida, no comércio,

nas atividades agrícolas, com o tempo, eles decidem retornar à costa. Os Sastos foram formados num meio britânico, então campeão da luta antiescravagista. Viam com um pouco de reserva a prática do tráfico negreiro pelos afro-brasileiros – no que concerne o óleo de palma, ele era conhecido na Europa, desde o século 16. E como afirma...sua utilização industrial só começou no fim do século XVIII e no começo do XIX, depois da abolição do tráfico negreiro. Ao longo deste último século, o óleo de palma encontra um mercado na fabricação de sabão e de velas à estearina, e também certas variedades eram utilizadas como lubrificantes para as campanhas de estradas de ferro europeias, e servem à fabricação de ferro. O óleo de palma é utilizado mais tarde, por volta de 1853. Misturado ao azeite de oliva, obtém-se o sabão de Marselha. Os dois óleos tinham um grande futuro. Então a oposição ao comércio de óleo de palma se esvai e o comércio prospera. O preço da medida de 18 [?] [NdT: caligrafia incompreensível] sobe nesse período de 3 a 7 dólares. O Reino de Sodji [NdT: palavra rasurada] 1868 – 64 marca a primeira exportação de óleo de palma pelo Reino Goun. Entre 1856 e 1858, ... estima à 7160 toneladas por ano a exportação de Porto Novo, Uidá e ... Nesse período Badagry tinha exportado 1250 toneladas.

Os afro-brasileiros controlavam esse novo comércio com seus antigos sistemas. Eles encorajavam os africanos a produzir óleo de palma e cultivavam suas plantações próprias, como, por exemplo, a família Paraíso. Eles compravam os escravos - utilizavam os produtos europeus para comprar os escravos e os produtos brasileiros para comprar óleo de palma. Um dos obstáculos no caminho do comércio dos negreiros afro-brasileiros era a pressão contínua dos mercadores legítimos, que hesitavam em fazer negócios com escravos. Apesar do desenvolvimento do comércio de óleo de palma, o comércio de escravos não está ainda em seu fim.

Segundo Dos Santos, a exportação aumentando ligeiramente a embarcação dos escravos não colocava problemas. Os escravos eram comprados diretamente com dinheiro. Não tinha mais troca. Os afro-brasileiros eram comandados por Domingos Martins que dizia que os dois comércios eram complementares. A Uidá, Agoué e em outros portos onde havia europeus, os afro-brasileiros os cassavam aumentando o preço do óleo de palma e invadindo o mercado de mercadorias europeias de boa qualidade a preços baixos. Eles faziam o dumping. Eles podiam, graças a seus lucros. Domingos Martins não se incomodava com a competição europeia. Em 1849, tinha 80 mil dólares no comércio de óleo de palma por ano. Em 1850, tinha 200 mil dólares, mais ou menos, por ano. Martins estava no apogeu de sua carreira. O declínio de Chachá de Souza fazia dele o maior comerciante da costa. Assim, ele chamou a atenção dos funcionários britânicos da época. Na morte de Chachá, ocupou o seu lugar. Graças à sua importância, Martins torna-se o principal conselheiro do rei de Daomé, no comércio. Ele era o líder da sociedade dos afro-brasileiros da costa. Tal era, em resumo, a importância de Domingos Martins, do qual a importância é “hisée” [NdoT: sem tradução francesa]. Em 1850, o comandante supremo de...britânica tinha afirmado que as atividades não tinham diminuído os lucros dos traficantes de escravos. Um ano mais tarde, os ares mudaram. O desaparecimento deste comércio clandestino levou à falência de muitos afro-

brasileiros. Em 8 de dezembro de 1851, a esquadra britânica procede um bloqueio de toda a costa. O bloqueio de Porto Novo só suspenso em janeiro de 1852, isso em consequência de um tratado assinado com o rei. Esse tratado comportava o fim da escravidão. O comércio de óleo de palma fez desaparecer progressivamente o comércio de escravos. Em 1850, Porto Novo exportou 5000 toneladas de óleo de palma. O tráfico negreiro clandestino desapareceu. Em suma, esses são os afro-brasileiros que se dedicaram ao tráfico negreiro até 1870, mas em graus diversos.

Um outro

A primeira exposição trata dos afro-brasileiros e da política francesa no Reino de Hogbonou na segunda metade do século XVIII.

É a França que se impõe em Porto Novo. O que os afro-brasileiros ganharam com a vitória da França? É o período da segunda metade do século 19. O Reino de Porto Novo será objeto de luxúria múltipla. Três potências estão em jogo na época – os franceses, os ingleses e o Reino de Daomé. Os inglês se instalaram em Lagos em 1851, onde eles...rei de Lagos. Eles tinham dois objetivos: expansão da potência britânica e luta contra o tráfico negreiro. Eles queriam dominar toda a costa dos escravos. Eles ocupam progressivamente as cidades e querem Porto Novo. Os franceses não tinham a opção de ocupar esse espaço – os irmãos Régis tinham por objetivo negociar com os chefes tradicionais. Lagos os impedia de fazer seus negócios. Eles se voltam para a França para pedir uma assistência governamental. O terceiro concorrente na região era o Reino de Dahomey. Para esse reino, Porto Novo é uma zona de caça sobre a qual ele estima que tem direito de soberania. Vai exercer esse direito com incursões e vigília. É um pequeno reino pressionado pelas ambições de Dahomey e dos ingleses no Leste. Segundo Berger [NdT: caligrafia difícil, pode ser outro nome], o nome Porto Novo aparece em 1758 em uma correspondência de Theodosio...Dacosta que escrevia: “No Porto Novo aberto pelos D’Oliveira, os escravos se comercializam sobre a base de 12 a 8 rolos de tabaco, enquanto que, em D’Ajuda, eram necessários 13 a 16, na mesma época. Porto Novo torna-se um importante centro de comércio de escravos. No século XIX, o reino entra no comércio de óleo de palma – esse será um comércio florescente. Nesse quadro, Porto Novo vai suplantará o Reino de Daomé. Porto Novo era politicamente fom, do fato das rivalidades no seio da família real. Os afro-brasileiros estarão em Porto Novo e vão intervir nos negócios internos do reino.

João de Oliveira é um afro-brasileiro, ex-escravo liberto por volta de 1730, 1733, que retorna [do Brasil] e se instala no Reino de Porto Novo para fazer o comércio negreiro até 1760, quando, afortunado, retorna novamente ao Brasil. Os afro-brasileiros se interessam por Porto Novo e vão constituir um grupo homogêneo com uma dupla identidade: uma cultura próxima dos europeus, e a origem africana. Eles fazem o tráfico negreiro e o comércio de óleo de palma. Os europeus os consideram como aliados pois são um polo de desenvolvimento.

O exemplo de Pierre de Matha é bem conhecido. Ele é um ex-escravo liberto de origem hauçá. Ele se instala em Porto Novo no tempo do reino de Dè Aigbé [NdT: caligrafia

difficil], entre 1775 e 1783. Ele prospera e torna-se secretário do rei. Matha diz aos franceses que tem influência sobre a costa em Porto Novo – o bairro Fìècomey [NdT: **palavra rasurada**] seria obra de Pierre de Matha, que aí tinha vivido. Dizia-se o bairro de Fìè, ou Pierre. Daí o nome Fìècomey.

Durante muito tempo os afro-brasileiros tiveram uma influência sobre os negócios interno e externos do reino. A primeira iniciativa de construir um porto em Porto Novo seria deles. A França vai explorar a influência desse grupo de afro-brasileiros para se instalar. O governo francês, trinta anos mais tarde, dirá que uma população chamada creola de cerca de 500 pessoas é interessante, composta de católicos, protestantes e também muçulmanos. Quase todos os creolos falavam português e algumas palavras em inglês. Eles compreendiam tudo da França. Para civilizar a região, faz-se necessário à França que faça sua essa população. Os afro-brasileiros vão servir de ponte para a potência francesa na região.

Os afro-brasileiros aproveitam da rivalidade entre franceses e ingleses para fazer negócios. A iniciativa dos ingleses leva os afro-brasileiros a transferirem-se para o campo francês. Os ingleses buscam impor-se por todos os modos. Tudo se passa sob o reino de Dè Sodjì. Os ingleses tendo [?] [NdT: **caligrafia incompreensível**]...de Lagos o perseguem por todos os lados. Dè Sodjì sente o perigo se aproximar. Dè Sodjì tinha abandonado o tratado, sob a pressão dos ingleses. Ora, os afro-brasileiros que estavam com ele queriam fazer o comércio de óleo e de escravos. Os afro-brasileiros pediam à Dè Sodjì, depois de dois bombardeamentos de Porto Novo pelos ingleses, de entrar em contato com os franceses para pedir assistência militar.

O principal afro-brasileiro é um homem de negócios chamado Joaquim Manoel de Carvalho [NdT: **possivelmente Carvalho, mas está grafado sem “h”**]. Para os afro-brasileiros, o interesse da intervenção francesa é a garantia de seus negócios. Eles são apoiados pelos irmãos Régis. O almirante francês Diderot va a Porto Novo e assina, primeiro, um tratado de comércio e, em 27 de fevereiro de 1863, um tratado de protetorado. Três afro-brasileiros assinaram igualmente este tratado. Trata-se de Manoel de Carvalho, José Santana, Manuel Ferreira. O tratado é uma resposta dos afro-brasileiros aos ingleses e aos franceses, para prosperar seus negócios e pôr fim ao expansionismo britânico. Para o rei, é outra forma de continuar o comércio. Mas isso trará incidentes frequentes e coloca problemas para a existência do tratado. Carvalho assinou um tratado esperando a expansão de seus negócios. Ao mesmo tempo, ele assinou um tratado com o rei de Daomé para Sènie [NdT: **caligrafia difícil**] e Cotonu. Não querendo problemas, a França não apoia Carvalho no conflito. O primeiro a contestar o tratado de protetorado não será Dè Mikpon [NdT: **caligrafia difícil**], mas De Carvalho. Sem meios para entrar no conflito com Daomé, Porto Novo expulsa De Carvalho em setembro de 1864. Ele parte à Badagry. O almirante francês será também expulso. Não tendo obtido a proteção francesa esperada, o rei de Porto Novo – Dè Mikpo [NdT: **Mikpo sem n, como na primeira aparição desse nome acima**] expulsa Carvalho, os franceses e também os ingleses. Outros afro-brasileiros até 1872 preparam outro tratado. Em 1874, Toffa chega ao poder. Toffa diz que e preciso acabar com Abomé, ele se volta para os franceses e

obtem o apoio afro-brasileiro. Toffa os favorece com um status particular e singular. Toffa lhes oferece uma situação particular econômica e política não demandada. Nesse caso, eles elaboram um novo tratado de protetorado convencionado em abril de 1882 e assinado em julho de 1883. O primeiro africano que será designado na colônia como representante dos autóctones no Conselho Administrativo será Inácio Paraíso. É para os afro-brasileiros o reconhecimento desse estatuto particular que eles procuravam.

Ignácio Paraíso simboliza o estatuto particular dos afro em Porto Novo. Sobre 58 homens de negócios da colônia, 30 são afro-brasileiros. Eles vão constituir o modelo de referência. Mas constatamos que a instalação dos franceses fez com que os afro-brasileiros perdessem seu papel de intermediários entre os africanos e os europeus. Uma vez no local, os franceses colocam em prática uma administração. Os afro-brasileiros não são têm mais nenhum papel a jogar para eles.

Seus [NdT: palavra que parece ser “pères”, pais] estimaram que eles podem obter alguma coisa. Em um primeiro tempo, eles obtêm, mas sem o sentimento que têm uma reflexão profunda. Em todo caso, eles não fizeram uma reflexão profunda sobre as mutações que intervêm no jogo de rivalidades interimperialistas na segunda metade do século XIX. Eles não têm nem ao menos uma reflexão profunda sobre os novos dados que nasceram do imperialismo colonial nascente que se desenvolve e que obtêm uma partilha de papéis, e essa partilha não se faz sobre a costa africana, mas se faz na Europa, com uma implantação na costa africana. Os afro-brasileiros servem à instalação da França, mas no fim das contas, estabelecem-se africanos como todo mundo.